

Poesia e verdade, de Goethe - a estetização da existência

Wilma Patricia Marzari Dinardo Maas
Universidade Estadual Paulista

Este artigo localiza as origens de dois gêneros literários, a autobiografia moderna e o romance de formação (*Bildungsroman*), nos últimos trinta anos do século XVIII. Focalizando duas obras de Johann Wolfgang (von) Goethe, a autobiografia *Memórias: poesia e verdade* (*Dichtung und Wahrheit*) e o romance *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* (*Wilhelm Meisters Lehrjahre*), pretende-se evidenciar em ambas o sentido de “obras de formação”. Uma comparação entre as duas obras deverá mostrar que a autobiografia *Poesia e verdade* é resultado de um processo organizador do material histórico vivido, levando a um arranjo estético da vida pública e mesmo da vida privada do autor. Dessa maneira, a autobiografia de Goethe passa a ser considerada o “seu mais bem acabado romance de formação”, o que contribui para a reorganização do gênero “romance de formação” na historiografia literária.

Palavras-chave: história da literatura - história dos gêneros - autobiografia -Goethe - romance de formação.

This article localizes the origins of the modern autobiography and the novel of self cultivation (*Bildungsroman*) along the last thirty years of the 18th. century Goethe's autobiography *Dichtung und Wahrheit* (*Poetry and Truth*) as well as his *Bildungsroman Wilhelm Meister's Apprenticeship Years* (*Wilhelm Meisters Lehrjahre*) are thus considered under the feature of “selfcultivation books”. Through a comparison of both works, Goethe's autobiography is seen as the result of an organization process of the historical- biographic stuff , which leads to an aesthetic arrangement of his public and even private life. According to this, Goethe's autobiography *Poetry and Truth* should be considered by literary historiography as his most perfect example of *Bildungsroman*, stead of the paradigmatic novel *Wilhelm Meisters Apprenticeship Years*.

Key words: literary history- genre history - autobiography - Goethe - Bildungsroman - novel of self-cultivation

A autobiografia, como hoje a conhecemos, é produto histórico do processo de constituição do indivíduo moderno, emancipado através da secularização e do desenvolvimento da economia e da sociedade burguesa. A economia de mercado, os ideais da Revolução Francesa, a noção de auto-responsabilidade em oposição à idéia de vocação divina estabelecida pelo luteranismo, delimitam, na Europa dos últimos trinta anos do século XVIII, um momento histórico particular.

Trata-se de um conjunto de circunstâncias que atuaram na legitimação dos valores progressistas de liberdade, de emancipação e de racionalidade. Na base desse conjunto encontra-se o triunfo do Iluminismo e do indivíduo como sujeito histórico detentor da razão. É o momento kantiano por excelência.

A autobiografia moderna, através do aprofundamento da noção de indivíduo, diferencia-se de outras formas de relato pessoal então conhecidas, como a confissão religiosa, as histórias de aventuras e relatos profissionais. Obras como *Les Confessions* de Rousseau, *The prelude* de Wordsworth e *Dichtung und Wahrheit (Memórias: poesia e verdade)* de Goethe relatam a experiência integral do indivíduo capaz de se debruçar sobre a história e, principalmente, sobre a sua própria história.

Glagau considera a autobiografia moderna uma “filha do romance”.¹¹⁰ Mais preciso seria considerá-la irmã do romance burguês moderno sentimental, cujas origens datam também dos últimos trinta anos do século dezoito

Na literatura de expressão alemã, na qual o estabelecimento do romance como “gênero digno” acontece tardiamente, o romance epistolar de Johann Wolfgang (von) Goethe, *Os sofrimentos do jovem Werther*, (1774), é o primeiro grande sucesso editorial da literatura romanesca, tendo repetido, na Alemanha, a mesma comoção e febre de leitura que *A nova Heloisa* de Rousseau provocara pouco antes na França.

Tanto o *Werther* de Goethe quanto a *Heloisa* de Rousseau são produtos estéticos que refletem um avanço da noção de indivíduo. Assim como na autobiografia moderna, o romance burguês tem seu florescimento favorecido pela “descoberta” de uma teleologia da personalidade humana, pelo reconhecimento da individualidade do homem nos diferentes estágios da vida social e pessoal. Autobiografia e romance compartilham assim, em suas origens como gênero moderno, de afinidades temáticas e estruturais, que dão voz aos processos de formação da personalidade. Entretanto, os limites entre a autobiografia “real” e o relato ficcional no romance não se deixam fixar com precisão, se considerarmos apenas os aspectos formais de ambos.

A forma tradicional de diferenciação entre a autobiografia e o romance da experiência subjetiva, entre o relato da própria experiência e a construção

¹¹⁰ Apud JACOBS, 1989, p. 45

estética é o reconhecimento da distinção entre verdade e poesia, entre o acontecimento empírico, factual, e a projeção idealizada. Assim, admite-se como pressuposto da autobiografia a exatidão histórica, a "verdade biográfica"¹ como garantia da autenticidade do relato, ao passo que, ao autor do romance, seria permitido um espaço infinito de distanciamento dessa mesma verdade, o espaço da livre criação.

Para o historiador, a questão se traduz em: que valor tem a autobiografia como fonte histórica? Para o estudioso de literatura, a mesma questão se apresenta em sua forma inversa: tem a autobiografia um estatuto literário?

Na autobiografia, entretanto, uma mediação, um espaço desdobrado estende-se entre o empirismo imediato do fato histórico biográfico e sua narração. A idéia ingênua de uma correspondência imediata entre um e outra não se sustenta quando se considera o processo constitutivo da autobiografia. Segundo Jacobs, trata-se de um processo hermenêutico praticado sobre o material oferecido pela experiência e desdobrado em narrativa:

“[...] Pois o sentido da história de uma vida, o princípio sob o qual se representam os fatos em sua organização, não se deixa depreender como dado empírico, mas deixa-se sim somente produzir *como resultado de um confronto hermenêutico com o conteúdo vivido.*”¹¹¹

O "confrontamento hermenêutico com o conteúdo vivido" aludido por Jacobs como componente da reconstituição autobiográfica assemelha-se em muito aos processos psicanalíticos de narrativas da memória. O autor de sua própria biografia escava e recorda, ao mesmo tempo em que intervenções mais ou menos intencionais do próprio sujeito conferem forma e perspectiva ao material escavado.

Há, portanto, um espaço intermediário entre o conteúdo histórico vivido e sua representação na autobiografia. Autores como Rousseau e Goethe, que escreveram suas memórias pessoais a partir de um ponto no tempo já distante dos sucessos narrados, utilizaram necessariamente uma técnica de reconstituição dos fatos que se assemelha aos processos narrativos ficcionais, na medida em que recorrem, em certa medida, a uma estetização subjetiva dos acontecimentos. Situada em um ponto definido temporal e espacialmente em relação à trajetória do narrador/autor, a autobiografia permite-se trazer em si mesma o saber prévio de sua conclusão. Ou seja, há um percurso de auto-

¹ Para Freud, "a verdade biográfica [...] não se deixa obter." (Carta a Arnold Zweig, 31.05.1936., apud JACOBS, 1989, 21)

¹¹¹ (JACOBS, 1989, p. 21, grifo deste autor)

referência que organiza os fatos a partir de uma perspectiva futura e conhecida do narrador/autor. A autobiografia moderna aproxima-se assim do romanesco, na medida em que a organização dos fatos a partir de uma perspectiva determinada, a necessidade do preenchimento de lacunas históricas e mesmo o longo tempo decorrido entre os fatos e sua narração requerem uma técnica de escrita mista entre o caráter documental, o poético e o retórico.

Dessa forma, o ato que deflagra a escrita tem caráter intencional e arbitrário, refletindo-se por toda a narrativa que o sucede.

No âmbito deste artigo, interessa-nos precisamente identificar, no relato autobiográfico de Goethe, *Memórias: poesia e verdade*, a narração de um processo teleológico, de um percurso em direção à harmonia pessoal, literariamente estetizado. Essa identificação deverá confirmar os limites fluidos entre uma autobiografia de caráter em princípio documental e a escrita romanesca, o que, no caso de Goethe, aproximaria sua autobiografia do modelo teleológico presente nos romances de formação.

Poesia e verdade -autobiografia como interpretação

Memórias: poesia e verdade (*Aus meinem Leben. Dichtung und Wahrheit*) é o título da autobiografia de Johann Wolfgang (von) Goethe. Em fins de 1809 Goethe esboça o "esquema de uma biografia", que deverá ocupá-lo até praticamente seus últimos dias. Entre 1811 e 1814 vêm a público as três primeiras partes. A quarta e última parte é interrompida por anos a fio, vindo a público apenas depois de sua morte.

Poesia e verdade cobre a trajetória de Goethe a partir do nascimento, infância, adolescência e idade adulta, até o ano de 1775, ano de sua admissão à corte de Weimar, onde foi ministro. Não se trata, porém, de sua única obra de caráter autobiográfico. O período após 1786 encontra-se documentado com maior ou menor detalhamento sobretudo em *Italienische Reise* [Viagens pela Itália], *Campagne in Frankreich* [Campanha na França], *Belagerung von Mainz* [Cerco a Mainz] bem como nos *Annalen* (Tag- und Jahreshefte). [Diários e anuários]

O prefácio a *Poesia e verdade* deixa claro, porém, que a obra veio preencher uma lacuna de caráter histórico-hermenêutico, propondo-se a uma "explicação de Goethe", ou ao menos, a uma explicação do conjunto de sua obra até então publicada. Realizada em um período que a historiografia literária chama de "último Goethe", a obra tem como uma de suas tarefas oferecer uma interpretação a fatos que ainda permaneceram obscuros, esclarecer a gênese de obras e prover de coerência intelectual concepções porventura ainda não totalmente compreendidas. É assim que, no seu prefácio, Goethe utiliza o recurso retórico de delegar a outro, a um amigo que permanece incógnito, o

pedido de uma apresentação do conjunto de sua obra que leve em conta o critério cronológico, e que revele "num encadeamento definido, as circunstâncias e os sentimentos que lhe inspiraram, os exemplos que agiram sobre você [Goethe], e finalmente os princípios teóricos que o orientaram".¹¹²

O que nos é dado a conhecer através da reprodução da carta enviada pelo "amigo de Goethe" pode bem ser um momento de auto-reflexão, até mesmo de autocrítica, provocado por uma necessidade paradoxalmente pessoal e histórica:

"Ora, é inegável que, levando-se em conta o ardor com que ele [Goethe] iniciou sua carreira literária e o largo tempo transcorrido de permeio, uma dúzia de pequenos volumes parece muito pouco. E é preciso confessar, também, que os poemas, considerados um por um, nasceram no mais das vezes de circunstâncias particulares e tanto refletem certos objetos exteriores como etapas importantes de desenvolvimento interior, ao mesmo tempo que se vê predominar aí certas máximas, certas convicções morais e estéticas transitórias. Mas em suma, estas produções permanecem incoerentes; por vezes custa até a acreditar que provêm do mesmo autor".¹¹³

O trecho acima é bastante representativo da dicção predominante em *Poesia e verdade*: reconhecendo o que considera suas "falhas" tanto no fazer artístico quanto em sua própria biografia, o sujeito histórico J.W. (von Goethe) permite-se rearranjar e interpretar os fatos de maneira que estes forneçam, a lado de sua mera narração, uma "explicação" do conteúdo narrado.

Não importa aqui decidir-se sobre a "autenticidade" da carta do amigo de Goethe. Importante é reconhecermos, no prefácio a *Poesia e verdade*, a intenção de prover o público leitor de instrumentos elucidativos, de permitir a compreensão do conjunto da obra até então dada a público, a partir dos indicativos históricos e biográficos selecionados pelo próprio autor.

As *Memórias: Poesia e verdade*, são dispostas, portanto, segundo um plano determinado. Trata-se em princípio de trazer à luz a gênese de cada obra, buscando-se assim dar mais coesão ao conjunto. A par disso, o relato autobiográfico deverá permitir que o leitor vislumbre as razões e sem-razões que determinaram o comportamento público do autor, a essa altura figura já proeminente no plano político e literário. Assim como foi capaz de estabelecer

¹¹² (Prefácio a *Memórias: poesia e verdade*, 1986, trad. de Leonel Vallandro, p. 11-12)

¹¹³ *Memórias: Poesia e verdade*, 1986, p. 11, trad. de Leonel Vallandro, grifo deste autor)

um período “clássico” na incipiente literatura de expressão alemã, Goethe criou para si mesmo um passado harmônico, capaz de resgatar e justificar suas atitudes de *Sturm-und-Draenger*¹¹⁴, de subjetivismo pré-romântico juvenil.

Um dos exemplos mais eloqüentes da boa fortuna desse processo encontra-se nas passagens que aludem à concepção de *Os sofrimentos do jovem Werther* (1774), obra da juventude do autor, a qual, em seu subjetivismo excessivo, teria provocado uma “onda de suicídios” pela Europa. Robert Darnton refere-se a uma “febre do Werther”, uma verdadeira epidemia de leitura e de imitação dos trajes e comportamento do protagonista que teria culminado na radicalização de comportamento. Em *Poesia e Verdade*, Goethe responsabiliza a predisposição da sociedade burguesa ao tédio e à melancolia pela grande repercussão e comoção suscitadas pela obra. Ainda, Goethe reconhece um “equivoco” fundamental na recepção do *Werther* pelo público contemporâneo, incapaz de realizar uma compreensão “intelectualizada”, não visceral.

“Num meio assim, entre uma sociedade assim, com gostos e estudos desse gênero, atormentado por paixões insatisfeitas, sem ser excitadas por nenhum móbil exterior a uma atividade séria, sem outra perspectiva além da obrigação de encerrar-se numa insípida e lânguida vida burguesa, a gente se familiarizava, no seu dolorido orgulho, com o pensamento de poder deixar a vida quando quisesse, quando não a achasse mais do seu agrado, e com isso se furtava um pouco às injustiças e ao tédio cotidianos. *Essa era a disposição geral, e se o Werther produziu um grande efeito, é que estava em afinação com todas as almas e exprimia aberta e claramente o segredo de um mórbido devaneio juvenil*”¹¹⁵

Mais adiante, Goethe atribui a um amigo, Merck, a responsabilidade pela publicação da obra:

[...] Condenou [Merck] severamente o meu projeto de refundir o *Werther* e exigiu que ele fosse impresso tal e qual se encontrava.
[...]

O efeito desse livrinho foi grande; foi mesmo prodigioso sobretudo porque apareceu na ocasião apropriada. Com efeito, assim como basta uma pequena faísca para fazer ir pelos ares

¹¹⁴ *Sturm und Drang*: Tempestade e Ímpeto, na tradução de Otto Maria Carpeaux.

¹¹⁵ (*Memórias: Poesia e verdade*, 1986, p. 440, grifo deste autor).

uma poderosa mina, a explosão que se produziu no público foi violenta, pois a própria mocidade já havia minado a si mesma, e a comoção foi grande porque cada um dava livre curso às suas pretensões exageradas, às suas paixões insatisfeitas e aos seus sofrimentos imaginários. Não se pode exigir que o público acolha intelectualmente uma obra intelectual. Não se considerou senão o fundo, o tema, como já tinham feito os meus amigos; ademais, viu-se reaparecer o velho preconceito fundado na dignidade de uma obra impressa, de que ela deve ter uma finalidade didática.”¹¹⁶

Assim, em resposta à crítica dirigida aos efeitos funestos de seu romance epistolar sobre o público jovem, Goethe alinha as causas “sociológicas” e “psicológicas” que teriam deflagrado essa recepção, atribuindo por sua vez à obra um efeito de catarse em relação à sua própria situação pessoal. (Cf. *Memórias: Poesia e verdade*, 1986, p. 440-441 e 444). Ao mesmo tempo, tece uma crítica àquela norma tão cara à literatura do Iluminismo europeu, a de que toda obra impressa deve ter uma finalidade didática e moral.

As memórias de Goethe não foram pensadas, porém, apenas como “explicação” de sua obra. O fundamento de seu trabalho autobiográfico encontra-se na profunda consciência de “estar-se tornando ele mesmo histórico”¹¹⁷, como Goethe repetidamente afirmou. “História” significa, para o autor de *Poesia e verdade*, as relações do indivíduo com sua época, e o reflexo desse mecanismo na constituição do indivíduo. Essa é a “tarefa principal da biografia”. A importância atribuída aos acontecimentos históricos na determinação do destino individual manifesta-se claramente nos últimos parágrafos do prefácio a *Poesia e verdade*:

“[...] que o homem conheça a si próprio e ao seu século. Quanto a si próprio, até que ponto permaneceu o mesmo em todas as circunstâncias; e quanto ao século, na medida em que nos arrasta consigo por bem ou por mal, *nos molda e determina, de sorte que todo homem, pode-se dizer, se houvesse nascido dez anos mais cedo ou mais tarde, seria bem diverso do que é no tocante à sua própria cultura e à ação que exerce no mundo exterior*”.¹¹⁸

¹¹⁶ (*Memórias: Poesia e verdade*, 1986, trad. de Leonel Vallandro, pp. 444-445, grifo deste autor)

¹¹⁷ (Cf. BORCHMEYER, 1979, p. 182)

¹¹⁸ (*Memórias: Poesia e verdade*, , 1986, p. 13, grifo deste autor)

Autobiografia e formação

Em *Poesia e verdade*, o distanciamento temporal permitiu que o narrador elaborasse, de maneira estética e bem construída, o relato de sua trajetória. Esses "anos de aprendizado" colocam-nos frente ao problema da sinceridade intelectual do projeto, na medida em que o material narrado provém necessariamente da experiência do autor. Mesmo em se tratando declaradamente da persona histórica de Johann Wolfgang (von) Goethe, de suas memórias e de dados historicamente comprováveis, é possível concebermos uma categoria, um sujeito narrativo virtual construído de acordo com a retórica particular da ficção. É esse sujeito narrador que imprime ordem, cronologia e causalidade ao conteúdo relatado, permitindo que se leia uma história, uma trajetória progressivamente desenvolvida e aperfeiçoada.

Trata-se portanto de uma estetização do material da experiência, de molde a representar a trajetória do indivíduo em direção à harmonia e maturidade. Herbert Bornebusch, em sua conferência *Autobiografia como provocação* (1988), expõe precisamente a relação de intermediação entre a experiência real e sua narrativa em *Poesia e verdade*:

*"Poesia e verdade de Goethe mostra a tentativa de descrever a própria vida como um processo teleológico do desenvolvimento da individualidade.[...] A vida do poeta já tem a estrutura de uma obra de arte. [...] Goethe, na verdade, só conseguiu descrever a própria vida como obra de arte porque ele selecionou, manipulou e reinterpretou os fatos".*¹¹⁹

O trecho acima corrobora a idéia de *Poesia e verdade* como um projeto de estetização da existência, através da reorganização e reinterpretação dos acontecimentos históricos e biográficos. Do alto de sua maturidade intelectual e emocional, Goethe constrói uma narrativa exemplar e edificante de seus anos de juventude, no desenrolar da qual se pode reconhecer um processo de desenvolvimento da personalidade similar ao que ocorre nos chamados *romances de formação* (em alemão, *Bildungsroman*).

Considerado um gênero tipicamente alemão, o romance de formação tem suas origens localizadas no chamado Iluminismo tardio (*Spaetaufklaerung*). A despeito de suas origens histórica e geograficamente delimitadas, o gênero sofreu, ao longo de quase duzentos anos, um processo de expansão em direção a

¹¹⁹ (BORNEBUSCH, 1988, p. 26, grifo deste autor)

outras literaturas nacionais, sendo assimilado pela historiografia literária como um gênero bem determinado e gerador de influência.¹²⁰

Não é mera coincidência o fato de que a obra considerada o paradigma do romance de formação seja *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, romance de Goethe publicado entre os anos de 1795 e 1796. Nessa obra, representa-se a trajetória de Wilhelm, jovem de origem burguesa que parte pelo mundo em busca de auto-aperfeiçoamento e desenvolvimento daquilo que considera suas tendências naturais. Durante sua trajetória, Wilhelm Meister depara-se com diferentes mentores e transita por diferentes camadas sociais, sempre em busca de algo que a crítica define como conciliação e harmonia entre “o eu e o mundo” e que Hegel definiria, em sua *Teoria do romance*, como o mais acabado exemplo de filistinismo e cabotinismo burguês.

Assim como em *Poesia e verdade*, estão presentes em *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* os pressupostos de um desenvolvimento linear da personalidade em direção à harmonia entre indivíduo e sociedade. De fato, as definições para o gênero “romance de formação”, mostram-se, desde Morgenstern e Dilthey, os primeiros autores a utilizar o termo, fortemente vinculadas pela necessidade de conciliação entre o indivíduo subjetivo e as exigências de integração na sociedade burguesa:

“A partir do Wilhelm Meister [...] todos os romances de formação representam o jovem em seus dias; como este jovem, em uma aurora afortunada, inaugura-se na vida, procura espíritos semelhantes ao seu e depara-se com a amizade e o amor. Os romances de formação representam também a maneira sob a qual o indivíduo jovem entra em conflito com as duras realidades do mundo, amadurecendo então através das diferentes experiências da vida, encontrando-se a si mesmo e tornando-se consciente de sua missão na sociedade.”¹²¹

¹²⁰ “Bildungsroman - Alemão *Bildung*, formação, *Roman*, romance. Francês: roman de formation. Português: romance de formação. [...] Modalidade de romance tipicamente alemã, gira em torno das experiências que sofrem as personagens durante os anos de formação ou educação, rumo da maturidade. Considera-se o pioneiro nessa matéria o *Agathon* de Wieland, e o ponto mais alto o *Wilhelm meister* (1795-1796) de Goethe. No fio da tradição germânica, outros ficcionistas cultivaram o tema: Tieck, Novalis, Jean Paul, Eichendorf, Keller, Stifter, Raabe, Hermann Hesse. Em Língua Inglesa, citam-se Charlotte Brontë, Charles Dickens, Samuel Butler, Somerset Maugham. Em Francês: Romain Rolland. Em vernáculo, podem-se considerar romances de formação, até certo ponto, os seguintes: *O Ateneu* (1888), de Raul Pompéia, *Amar, verbo intransitivo* (1927), de Mário de Andrade, os romances do “ciclo da cana de açúcar (1933-1937), de José Lins do Rego, *Mundos Mortos* (1937), de Otávio de Faria, *Fanga* (1942), de Alves Redol, *Manhã Submersa*, de Vergílio Ferreira,, o *ciclo A velha casa* (1945-1966), de José Régio.

¹²¹ JACOBS, 1972, p. 11)

Esse processo de aperfeiçoamento e de adequação do indivíduo à sociedade pode ser focalizado tanto no romance de Goethe *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* como na autobiografia *Poesia e verdade*; entretanto, ao passo que na autobiografia histórica de Goethe o distanciamento temporal em relação aos fatos permite-lhe uma elaboração estética e hermenêutica do conteúdo histórico, em *Os anos de aprendizado* o fio condutor da trajetória do protagonista encontra-se difuso, diluído por entre uma série de equívocos e compreensões errôneas dos acontecimentos por parte do protagonista, sendo mesmo difícil ao leitor identificar um efetivo processo de desenvolvimento da personagem principal, Wilhelm Meister.

Uma análise comparativa das duas obras de Goethe, o relato autobiográfico de *Poesia e verdade* e a obra ficcional *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* pode assim ressaltar, em um e em outro, características que os inscrevam sob a instituição literária das “obras de formação”. Exemplos culminantes de formas literárias inequivocamente “históricas”, no sentido de que refletem as disposições culturais, sociais e estéticas dos últimos trinta anos do século XVIII, iluminam, cada um a seu modo, duas possibilidades de concretização do impulso da formação. Enquanto na autobiografia o processo da formação nos é relatado de forma clara, direta e ordenada, no segundo esse mesmo processo aparece mediatizado, impondo a necessidade de interpretação.

O impulso para a auto-formação encontra-se manifestadamente presente em *Poesia e verdade*; ali, o narrador nomeia com precisão homens e mulheres seus contemporâneos (Herder, Lavater, Basedow, Susanne von Klettenberg, entre muitos outros) sob cuja influência ele declaradamente desenvolvera seu espírito e talentos. De maneira ordenada e cronológica, desenha-se assim a trajetória intelectual do homem tornado vulto histórico.

Johann Wolfgang (von) Goethe escreve a partir de uma perspectiva temporal e espacialmente localizada; refere-se a si mesmo no passado como a um ser ainda incompleto, cujo aperfeiçoamento, entretanto, poderá ser observado a partir da própria perspectiva sob a qual se constrói a narrativa. Ou seja, é Goethe, como homem e escritor formado, que nos dá a conhecer os fatos de seu passado que contribuíram para essa formação. Assim, a autobiografia *Poesia e verdade* afirma-se como a descrição ordenada de um bem sucedido processo em direção ao desenvolvimento pleno e à harmonia pessoal, cujos resultados se deixam reconhecer precisamente através do discurso desse mesmo narrador então “em formação”.

Impregnado de auto-reflexão, o enunciado em *Poesia e verdade* alude a todo momento às imperfeições e erros de julgamento cometidos na juventude, sobre os quais o narrador hoje maduro e “formado” obtempera:

“(...) Enquanto meus sentimentos tinham campo livre e eu vivia e agia sem meta nem desígnio, não pude deixar de reconhecer que Lavater e Basedow empregaram meios intelectuais e mesmo espirituais com objetivos terrenos. Eu, que dissipava a esmo os meus talentos e os meus dias, não tardaria a perceber com surpresa que esses dois homens, cada um a seu modo, e ao mesmo tempo que se esforçavam por ensinar, instruir e convencer, também traziam ocultas determinadas intenções, para cuja concretização muito se empenhavam”.¹²²

Já em *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, a perspectiva da auto-reflexão sobre o próprio desenvolvimento pessoal está ausente. A trajetória do protagonista nos é dada a conhecer a partir de um ponto de vista paralelo às suas peripécias, sem que o leitor possa efetivamente apoiar-se na noção de processo gradual. Em termos de organização da narrativa, as informações mais essenciais são comunicadas ao mesmo tempo ao protagonista e ao leitor, impedindo que se instaure um ponto de vista fixo organizador da narrativa, como na autobiografia. Mesmo a famosa declaração de Wilhelm sobre seu desejo de autoaperfeiçoamento¹²³ não organiza a narrativa em direção a uma perspectiva única. A esse respeito, são esclarecedoras as palavras da personagem Friedrich, espécie de bufão exercendo a função do coro, na cena final do romance, quando Wilhelm é aceito como marido pela aristocrata Natalie, tendo assim abertas para si as portas da “bela sociedade”. Friedrich faz referência ao início da trajetória de Meister, quando este vagueava pelo mundo, sem ter objetivo definido ou mesmo direção certa a trilhar:

“[...]Eram mesmo bons aqueles tempos, e tenho mesmo de rir ao olhar para ti: tu me lembras Saul, o filho de Kis, que foi à procura das jumentas de seu pai e encontrou um reino. [...]”

Ao que Wilhelm Meister prontamente replica :

“Não sei o valor de um reino, mas sei que alcancei uma felicidade que não mereço e que não trocaria por nada deste mundo.”¹²⁴

¹²² (*Memórias: poesia e verdade*, 2, trad. de Leonel Vallandro, 1986, p. 472, grifo deste autor

¹²³ “Aperfeiçoar-me, a partir do que realmente sou, tem sido meu desejo e minha intenção desde a mais tenra juventude.” (*Wilhelm Meisters Lehrjahre*, 1962, p. 290)

¹²⁴ (*Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, 1994, 586, trad. de Nicolino Simone Neto, grifo meu)

O diálogo entre Wilhelm e Friedrich legitima assim a inexistência de um propósito pré-determinado, que tivesse conduzido a trajetória de Meister ao longo de seus anos de aprendizado. Mais do que isso, reitera o caráter aleatório da “formação” adquirida pela personagem, da qual se encontram poucos vestígios ao final do livro.

Ao protagonista são desconhecidas a dimensão e o real objetivo de seu projeto de aperfeiçoamento, como bem se pode avaliar pelo “reino” encontrado em lugar das “jumentas”. Ao afirmar não saber “o valor de um reino”, Meister confirmar sua inabilidade em avaliar o paradeiro de sua trajetória; quando reconhece ter alcançado “uma felicidade que não mereço”, pode-se incluir aí também “uma felicidade que não almejei”, porque desconhecia sua existência, e até mesmo sua necessidade. Configura-se aí um baixo quantum de consciência frente aos objetivos e meios da própria formação, ao passo que na autobiografia do autor Goethe, essa consciência é elevada ao seu grau máximo, sendo mesmo ela que organiza e instaura a narrativa.

Confrontando-se portanto as duas obras com as definições canônicas para o romance de formação, pode-se concluir que *Poesia e verdade* corresponde mais diretamente a um modelo de trajetória em direção à formação e à harmonização pessoal. Mesmo que, historicamente, a narração biográfica tenha sido interrompida, pois são narrados os acontecimentos históricos e pessoais somente até o ano de 1775, a organização dos acontecimentos é realizada por um narrador situado cronologicamente à frente dos sucessos narrados, que imprime aos comentários e reflexões a maturidade de sua posição atual.

Essa constatação concorre, por sua vez, para um deslocamento do romance de Goethe *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* de sua posição cristalizada na historiografia literária como paradigma do romance de formação. Se considerarmos a autobiografia de Goethe como seu “mais acabado romance de formação”, estaremos apontando para a necessidade de uma crítica revisionista, disposta a reinterpretar certas cristalizações assentes na historiografia literária e na história dos gêneros.

Referências bibliográficas

- BORCHMEYER, Dieter. Weimar in Zeitalter der Revolution und der Napoleonischen Kriege. In ZMEGAC, Viktor, ed. *Geschichte der deutschen Literatur vom 18. Jahrhundert bis zum Gegenwart*. Königstein/Ts: Athenäum Verlag, 1979, p. 1-76.

- BORNEBUSCH, Herbert. "Autobiografia como provocação". *Caderno da Semana de Literatura Alemã FFLCH USP*. no.1. São Paulo. 1988. p. 25-31.
- GOETHE, Johann Wolfgang von. *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*. Tradução de Nicolino Simone Neto. São Paulo: Ensaio. 1994
- GOETHE, Johann Wolfgang von. *Memórias: Poesia e verdade*. Tradução de Leonel Valandro. Brasília: Editora Universidade de Brasília/Hucitec, 1986
- GOETHE, Johann Wolfgang von. *Wilhelm Meisters Lehrjahre*. Hamburger Ausgabe. 1962
- JACOBS, Juergen, e KRAUSE, Markus. *Der deutsche Bildungsroman - Gattungsgeschichte von 18. bis zum 20. Jahrhundert*. Munique: C.H. Beck. 1989